DIREITO AO TRABALHO, REPRESENTAÇÕES E EXPECTATIVAS: UM ESTUDO DE CASO COM EGRESSOS DE ENGENHARIA CIVIL DE UMA FACULDADE PARTICULAR LOCALIZADA NO NOROESTE DE MINAS GERAIS

Isauro Alípio Trajano Neto[1]

Cecília Maria Dias[2]

Maria Célia da Silva Gonçalves[3]

Fecha de publicación: 01/07/2018

1 Bacharel em Administração pela Faculdade cidade de João Pinheiro (FCJP)e graduando em Engenharia Civil / Faculdade FINOM.
isauro.trajano@hotmail.com

2 Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (1995) e mestrado em Medicina Veterinária, área de concentração Epidemiologia, pela Universidade Federal de Minas Gerais (1999). Atualmente é professora da Faculdade do Noroeste de Minas (FINOM) e da Faculdade Tecsoma (FATEC), ambas em Paracatu, MG. Ministra conteúdos na área de Epidemiologia, Epidemiologia Ambiental, Processo saúde-doença, Educação em Saúde, Biologia, Metodologia Científica, Estágio Supervisionado, TCC I e TCC II para os cursos de Ciências Biológicas, Enfermagem, Fisioterapia, Biomedicina, Engenharia Ambiental, Engenharia de Produção, Engenharia Civil e Agronomia.
cecimdnas@gmail.com

3 Pós-doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Pos-doutoranda História pela Universidade de Évora- Portugal. Doutora em Sociologia e Mestre em História pela Universidade de Brasília - UnB. Especialista em História Pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em História do Mundo Moderno e Contemporâneo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora de Sociologia e Trabalho de Conclusão de Curso na Faculdade FINOM.
mceliasg@yahoo.com.br

Sumário: Introdução. Objetivos. Metodologia. Área de estudo. Materiais e métodos. Resultados e reflexões. Considerações finais. Referências.

Resumo: Este estudo tem por objetivo analisar as representações dos egressos do curso de Engenharia Civil dos anos 2014 a 2016 de uma faculdade particular localizada no noroeste de Minas, moradores de João Pinheiro-MG Gerais, no que tange ao mercado de trabalho. A metodologia usada para desenvolvimento deste trabalho foi qualitativa- quantitativa com uma ampla revisão de literatura e pesquisa de campo realizada por meio de uma entrevista com 25 engenhreiros civis. Constatou-se que o mercado de trabalho da Engenharia Divil está cada vez mais competitivo, exigindo desse profissional invetimentos e atualização constante na sua fomação.

Palavras-chave: Capacitação. Emprego. Engenharia Civil. Mercado de Trabalho.

Abstract: This study aims to analyze the representations of graduates of Civil Engineering course residents of João Pinheiro-MG from the years 2014 to 2016 of a private college located in the northwest of Minas Gerais, in what concerns the labor market. The methodology used for the development of this work was qualitative-quantitative with a broad literature review and field research conducted through an interview with 25 civilian engineers. It was found that the labor market of Divil Engineering is increasingly competitive, requiring that professional invetimentos and constant updating in its fomentation.

Keywords: Training. Employment. Civil Engineering. Labor Market.

1. Introdução

A evolução da Engenharia Civil está acontecendo de forma rápida, modificando seus próprios conceitos e modernizando com novas tecnologias, novos padrões, novas concepções gerenciais e novas discussões. Essa evolução que ocorre na engenharia faz com o que os profissionais da área necessitem atualizarem constantemente. Faz-se necessário a capacitação profissional periódica desses profissionais, inovando e se qualificando, requisitos necessários para atender as exigências do competitivo mercado de trabalho (ROHAN *et al.*, 2006).

A exigência do mercado de trabalho é constante, o mesmo determina que os profissionais que os devam sempre estarem em busca de conhecimento e tenha facilidade de convívio com outras pessoas; que sejam profissionais que realmente sintam prazer da sua profissão, que tenha potencial, seja versátil, controle emocional e intelectual (NOSE; REBELATO, 2001).

De acordo com Dutra (2011) o mercado de trabalho é um meio de negociação e troca, onde as pessoas possam oferecer seu talento e sua capacidade, com necessidades sociais, psicológicas e físicas a serem satisfeitas. As empregadoras oferecem oportunidades de empregos buscando pessoas capacitadas, que consigam desempenhar um serviço com excelência com intuito de crescimento organizacional.

Um dos fatores que influência no mercado de trabalho da construção civil são os programas desenvolvidos pelo governo, pois acabam por fortalecer o setor e geram empregos.

Alguns anos atrás, o curso de Engenharia Civil era o que mais atraía os estudantes e o que mais lançava profissional no mercado de trabalho, isso devido o momento favorável da economia em que o Brasil se encontrava. O mercado estava aquecido, muitos empregos foram gerados e grande demanda por esses profissionais faziam suscitar interesses dos estudantes que estavam ingressando ao curso superior. Apesar do Brasil ter passado por esse momento de euforia no mercado profissional da Engenharia Civil, ainda hoje a quantidade de formados nessa área por ano quando comparado em proporção com outros países é considerado baixo (LINS, 2015).

Nesta pesquisa, foram investigadas as representações dos egressos pinheirenses do curso de Engenharia Civil dos anos 2014, 2015 e 2016 de uma faculdade particular localizada do noroeste de Minas Gerais, entidade localizada na cidade de Paracatu-MG.

A metodologia usada para desenvolvimento deste trabalho foi quali-quantitativa, em primeiro momento foi realizada uma ampla revisão de literatura realizada em artigos, livros e sites especializados, assim como a pesquisa de campo efetivada por meio de entrevistas com egressos pinheirense do curso de Engenharia Civil nos anos de 2014 a 2016 de uma faculdade particular localizada do noroeste de Minas Gerais, baseado em perguntas elaboradas pelo pesquisador, em que foram levantados os dados, analisados e representados a inserção desses profissionais no mercado de trabalho.

2. Objetivos

Analisar as representações dos egressos do curso de Engenharia Civil (entre os anos 2014 a 2016) de uma faculdade particular localizada no noroeste de Minas Gerais, moradores de João Pinheiro (MG), no que tange às suas expectativas do mercado de trabalho.

3. Metodologia

3.1. Área de Estudo

Este estudo foi realizado na cidade em João Pinheiro-MG com egressos de 2014 a 2016 do curso de engenharia civil de uma faculdade particular localizada do noroeste de Minas Gerais na cidade de Paracatu-MG.

Conforme IBGE (2016) João Pinheiro MG é considerado o maior município do estado de Minas Gerais, tendo uma área territorial de 10.727,471 Km², população de 48.472 habitantes.

Figura 1 – Localização da cidade de João Pinheiro

Fonte: Google Maps

3.2. Materiais e Métodos

Foi solicitada uma autorização formal à Direção Geral da faculdade universo da pesquisa juntamente com o pedido de liberação dos nomes e endereços dos egressos do curso de Engenharia Civil. Após a concessão, foi feito junto à secretaria acadêmica o levantamento dos endereços dos egressos entre 2014 e 2016. Cada engenheiro foi contatado por telefone e/ou e-mail para marcação da entrevista, garantido que fosse realizada em local da conveniência do entrevistado.

As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2017 e para tal foi utilizado um roteiro elaborado pelos pesquisadores. Após essa pesquisa de campo, foi realizada a tabulação e a análise dos resultados à luz dos teóricos que fundamentaram a referida pesquisa.

4. Resultados e Reflexões

O presente trabalho tem como intuito analisar as representações dos egressos pinherenses dos anos 2014 a 2016 de uma faculdade particular localizada do noroeste de Minas Gerais com relação ao mercado de trabalho, e para isso foi realizada entrevista com 25 engenheiros civis. As respostas foram tabuladas e se encontram analisadas nesse trabalho.

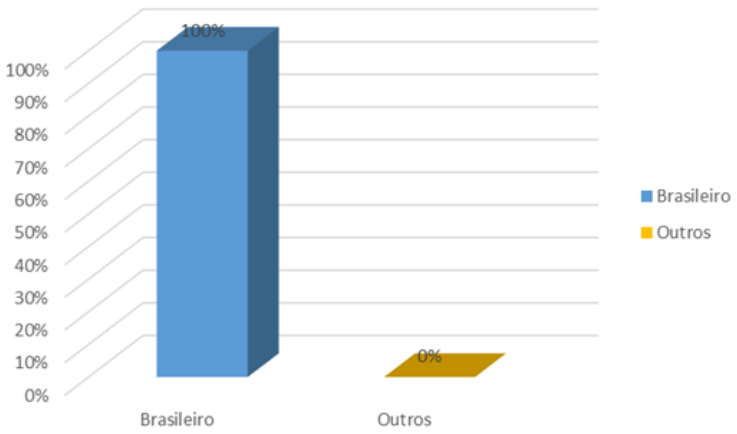

Figura 2 - Nacionalidade

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

De acordo com o resultado da figura 2, a nacionalidade dos profissionais entrevistados, mostra que 100% brasileiro e 0% outras nacionalidades.

Observa-se que todos estes entrevistados são de nacionalidade brasileira e fato fácil de ser entendendo, uma vez que se trata de uma instituição localizada no interior do Brasil, área conhecida como parte dos sertões. Essa ausência de estrangeiros entre os discentes acaba por tolher os alunos de convívios com outras culturas certamente outras formas de se praticar a Engenharia Civil.

Paula (2011) explica a importância de as universidades brasileiras receberem alunos estrangeiros:

> A presença de estudantes estrangeiros nas universidades brasileiras é um fato que está acontecendo com grande frequência. As universidades perceberam a grande importância de receber alunos estrangeiros em razão das trocas culturais, científicas e tecnológicas. Com o mundo globalizado, a rapidez das informações se faz necessária para que as universidades mantenham parcerias para ampliar o conhecimento e as estratégias de como investir na recepção de estudantes estrangeiros, bem como criar condições para que o estudante se adapte ao Brasil e leve boas informações para o seu país. (PAULA, 2011, p.12).

Ou seja, a interatividade a partir das redes de intercâmbio é a abertura para uma socialização e cooperação entre os estudantes, essa coletividade favorece o aprendizado com a troca conhecimentos, culturais científicos e tecnológicos. Assim formam-se profissionais mais interessados, atualizados e preparados para o mundo globalizado.

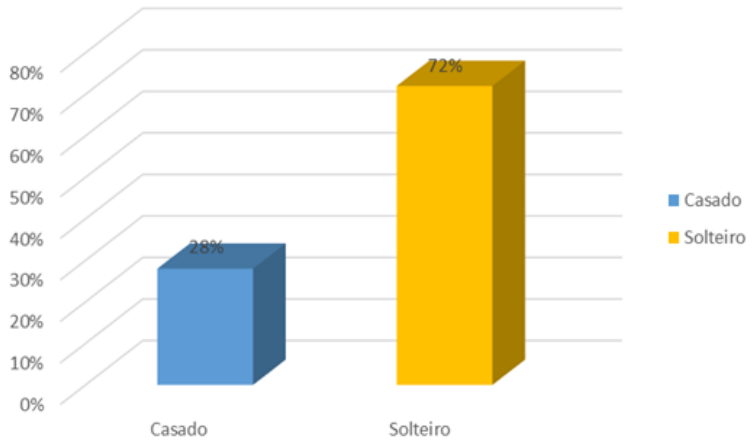

Figura 3 – Estado civil

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

De acordo com o resultado da figura 3, o estado civil dos engenheiros civis entrevistados, mostra que 28% são casados e 72% solteiros.

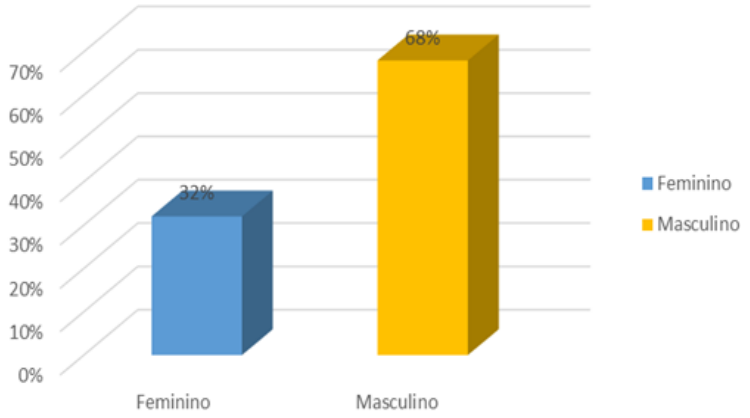

Figura 4 – Sexo

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Conforme o resultado da figura 4, pode-se observar que o sexo dos profissionais entrevistados, 32% é do sexo feminino e 68% do sexo masculino. Esse já era um resultado esperado, devido ao fato de nos cursos de Engenharia Civil tradicionalmente existir uma quantidade maior de homens. Embora a faculdade universo de pesquisa surpreenda positivamente com uns números crescentes de alunas e egressas entre os docentes, é visível a presença feminina no universo de pesquisa. O que vai

de encontro a essa notícia veiculada pelo Portal G1: “Em 2015, as mulheres respondiam por 30,3% das matrículas em cursos de engenharia civil, e por 26,9% dos profissionais no mercado. Para as engenheiras, aumento da presença feminina ajudou na queda da discriminação. ” (MORENO, 2017, n.p.)

FNE (2015) explica o crescimento das mulheres na engenharia nos anos 2003 a 2013 e mostra a diferença de quantidade entre homens e mulheres no mercado de trabalho:

> Apesar de ser uma categoria majoritariamente masculina – em 2013, os homens representavam 79,2% do total dos engenheiros empregados no Brasil, as mulheres engenheiras vêm aumentando sua participação ao longo do período analisado. Em 2003, representavam 16,8% do total dos empregados; em 2009, eram 18,7%; e em 2013, atingiram o patamar de 20,8, a partir de 2004 a participação feminina no mercado da engenharia, embora de forma discreta, cresceu continuamente. Em 2013, o número de homens empregados em ocupações da engenharia equivalia a 216,7 mil, enquanto as mulheres eram aproximadamente 57 mil. Em 2003, esses números correspondiam a 121,5 mil e 24,5 mil. (FNE, 2015, p.26).

Esse é uma tendência mundial de mudanças de tempos; mudando também a presença das mulheres na engenharia, sendo que essa vem aumentando progressivamente e mostrando que elas podem exercer as mesmas profissões dos homens, e estão em constante luta pela igualdade.

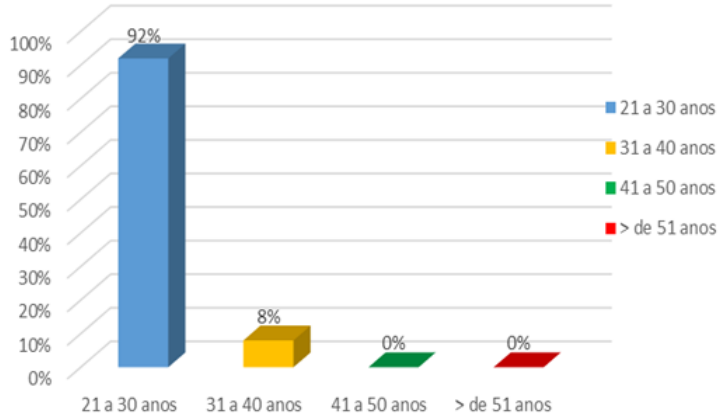

Figura 5 – Faixa etária

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

De acordo com o resultado da figura 5, a faixa etária dos engenheiros civis entrevistados, é de 92% dos têm idade que varia de 21 a 30anos, 8%

possuem de 31 a 40 anos, 0% de 41 a 50anos e 0% acima de 51anos. A prevalência para engenheiros jovens se explica pelo fato da entrevista ter contemplado os recém-formados.

Marques (2006), sugere que o profissional para ser bem aceito pela sociedade, tem que ter pelo menos dez anos de profissão e que a confiança das pessoas em um profissional é adquirida com o tempo. Explicação que talvez incida negativamente nas expectativas dos pesquisados, uma vez que universo de pesquisa contemplou os formandos entre 2014 a 2016, então pode se concluir que os mesmos estão em início da vida profissional, não contando ainda com essa confiança atribuída pela experiência.

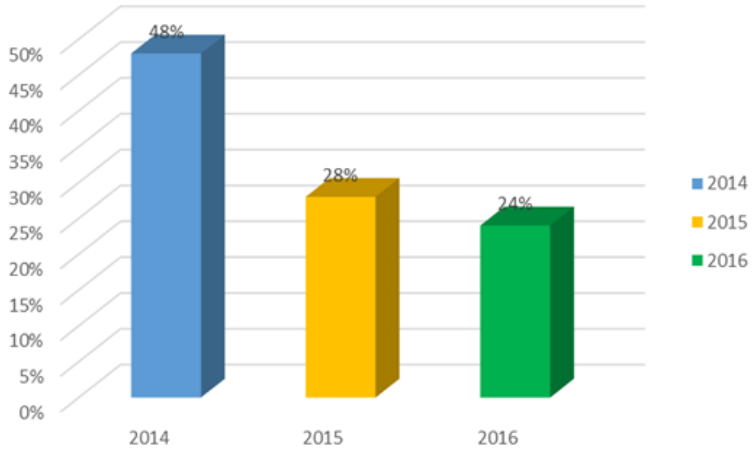

Figura 6 – Ano de conclusão do curso de Engenharia Civil

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Conforme o resultado da figura 6, o ano de conclusão de curso de engenharia civil dos profissionais entrevistados, mostra que 48% concluíram no ano 2014, 28% no ano 2015 e 24% em 2016. Os dados evidenciaram uma retração no número de formandos de 2014 para 2016, isso é reflexo da situação que o país se encontra nos últimos anos, dificuldade que os alunos têm para conseguir o Financiamento Estudantil-FIES, mercado da construção civil desaquecido e crise política, são fatores que influência a essa queda de interessados pelo curso.

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas SEBRAE (2016) explica a queda que a construção civil teve de nos últimos anos:

> A cadeia da construção passou por um momento de forte expansão, principalmente até o ano de 2012. Esse resultado foi influenciado por financiamentos com taxas de juros atrativas que impulsionaram o mercado imobiliário e aos programas Minha Casa, Minha Vida e de Aceleração do

> Crescimento (PAC), significativos para as obras de infraestrutura. Contudo, após esse período positivo, observou-se uma queda no nível de atividade do setor. Dados da Confederação Nacional da Indústria que o nível de atividade da indústria da construção encontra-se abaixo do usual para o período desde maio de 2012. Esse movimento de desaquecimento se acentuou em 2015, atingindo a mínima do indicador em fevereiro de 2016. (SEBRAE, 2016, p.26).

O Ministério da Educação (2016) publicou no Diário oficial da União mudanças para o Financiamento estudantil, tornando as regras mais duras para acesso ao mesmo, tanto a questão da renda familiar, quanto estabelecendo nota mínima no exame para que o estudante tenha acesso ao referido financiamento, fato que acabou por retrai o número dos alunos em cursos de engenharia nas faculdades particulares.

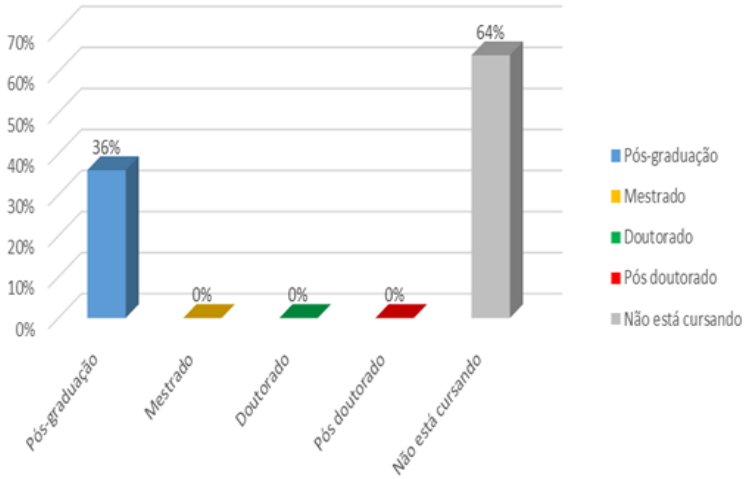

Figura 7 – Investimento em formação

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

O resultado da figura 7 mostras que 36% estão cursando pós-graduação, 0% mestrado, 0% doutorado, 0% pós-doutorado e 64% não estão cursando nenhum curso. Falta ainda a esses egressos a percepção analisada por Batista (2004) que explica o diferencial que o profissional adquire quando faz uma pós-graduação:

> Como o curso superior tornou-se um pré-requisito, o que poderá ajuda-lo é possuir um diferencial é a pós-graduação. Isso é fundamental, por exemplo, em áreas específicas onde somente a graduação normalmente não traz diferencial, como advogados, administradores, entre outros. É muito mais fácil para um advogado que é pós-graduado conseguir um diferencial competitivo do que aquele que não cursou uma pós-graduação. (BATISTA, 2004, p.45).

Como se pode constar o mercado de trabalho brasileiro está em recessão, sendo que a instabilidade política é um fato que agrava ainda mais essa situação. Portanto, a qualificação e o avanço nos estudos como as pós-graduações, mestrados e doutorados, tornam-se grandes diferenciais para que a as pessoas buscam destaque no mercado de trabalho atual e também aquisição de novas posições no mercado de trabalho futuro.

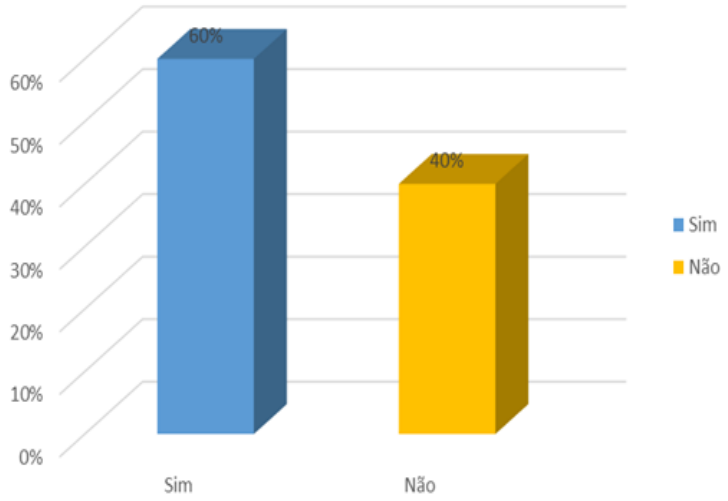

Figura 8 – Investimento em Cursos Complementares

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Conforme o resultado da figura 8, pode se observar que 60% investe em cursos complementares e 40% não investe. Na percepção de Chiavenato (2002) o aperfeiçoamento profissional:

> Aperfeiçoamento profissional é a educação que visa ampliar, desenvolver e aperfeiçoar o homem para seu crescimento profissional em determinada carreira ou para que se torne mais eficiente e produtivo no seu cargo. (CHIAVENATO, 2002, p.496).

A atualização profissional é uma outra variável de destaque no mercado de trabalho atual, devido ao mundo globalizado e o constante aperfeiçoamento das tecnologias e técnicas, para um melhoramento produtivo das empresas empregadoras, certamente quanto mais atualizado e preparado estiver o engenheiro civil, maiores serão as suas oportunidades no referido mercado de trabalho.

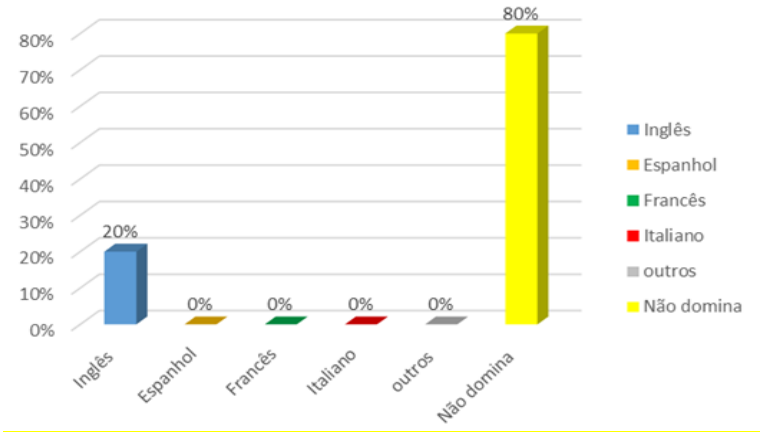

Figura 9 – Idiomas

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Conforme o resultado da figura 9 pode se observar que apenas 20% domina o inglês, 0% espanhol, 0% francês, 0% italiano, 0% outros e 80% não domina nenhum outro idioma. Resultado muito preocupante, uma vez que evidencia uma pequena preocupação dos engenheiros em conhecerem e dominarem uma outra língua, deficiência que necessariamente acaba por pesar negativamente na sua aceitação no mercado de trabalho. Pois,

> Para se diferenciar no mercado é preciso estar atento e preparado para as mudanças que estão por vir. Diante de inúmeros fatores de influência no ramo da construção civil que se alteram rapidamente, os empresários precisam de informações que os auxiliem e garantam mais segurança na tomada de decisões estratégicas. (SEBRAE, 2016, n.p.)

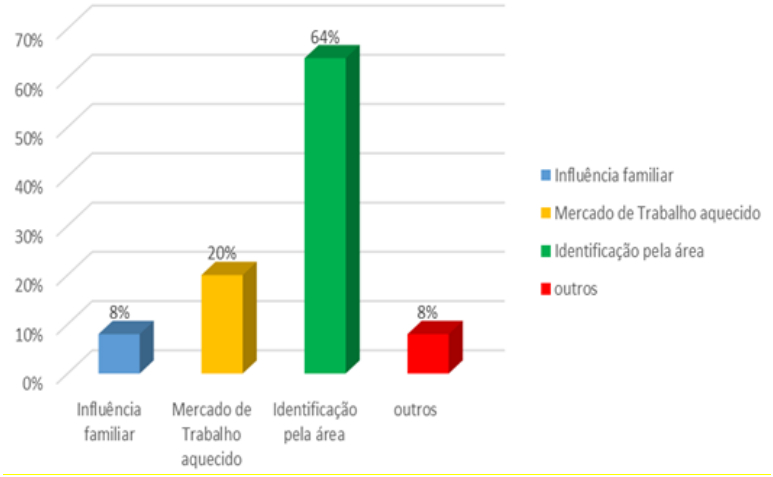

Figura 10 – Motivo pela escolha do Curso de Engenharia Civil.

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Conforme o resultado da figura 10, podemos observar que 8% da escolha da careira se deu pela influência familiar, 20% levou em conta mercado de trabalho aquecido, 64% identificação pela área e 8% por outros motivos.

Observa-se que a maioria escolheu o curso por se identificar com a profissão, mas uma grande parte dos entrevistados foi atraída pelo momento aquecido em que a construção civil se passava nos meados de 2009 a 2012.

Conforme Lins (2015) existe um crescimento dos concluintes do curso de engenharia civil em 13 anos:

> Sem dúvida nenhuma, os destaques das áreas de Engenharia são a Engenharia Civil e a Engenharia de Produção. As primeiras, tanto em 2000 quanto em 2013, mantêm a liderança no número de concluintes, 5220 e 13619 concluintes respectivamente, se constituindo como a área mais tradicional da Engenharia nacional, perfazendo um crescimento de 161%. (LINS,2015, p.16).

Esse crescimento de concluintes no curso de Engenharia Civil conforme mencionado acima, foi devido ao mercado aquecido da construção civil alguns anos atrás, fato que certamente foi um chamariz para o ingresso no curso.

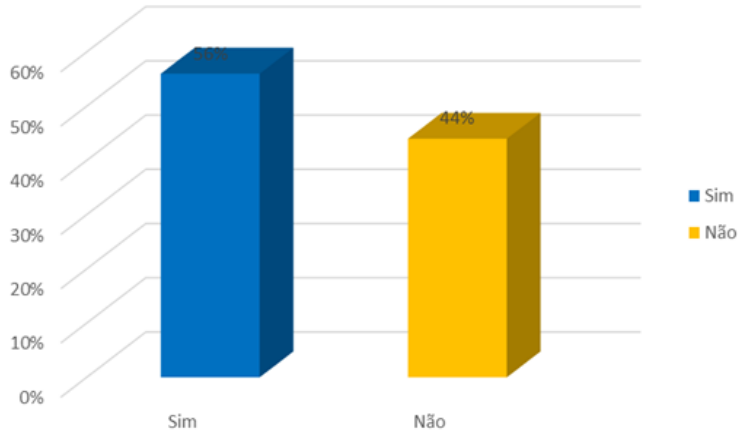

Figura 11 – Egressos no Mercado de Trabalho.

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Conforme o resultado da figura 11, fica evidente que 56% dos mesmos estão trabalhando na profissão de engenheiro civil e 44% não estão trabalhando. Mesmo com a retração nos últimos anos de empregos no setor da construção civil no país podemos perceber que os egressos pinheirenses vêm conseguindo se inserir no mercado de trabalho.

O CIC/FIEMG (2016) salienta que a queda que a construção civil teve nos 2 últimos anos, influenciando diretamente a demanda de emprego e consequentemente afetou o PIB nacional:

> No primeiro semestre de 2016, em relação a igual período do ano anterior, a Construção Civil brasileira registrou queda de 4,3% em suas atividades, de acordo com os resultados do Produto Interno Bruto (PIB) divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Destaca-se que nos últimos dois anos o setor registrou desempenho negativo: em 2014: -0,9% e em 2015: - 7,6%. (CIC/FIEMG,2016, p.02).

Certamente que a queda nas construções civis impacta negativamente o mercado de trabalho da Engenharia Civil.

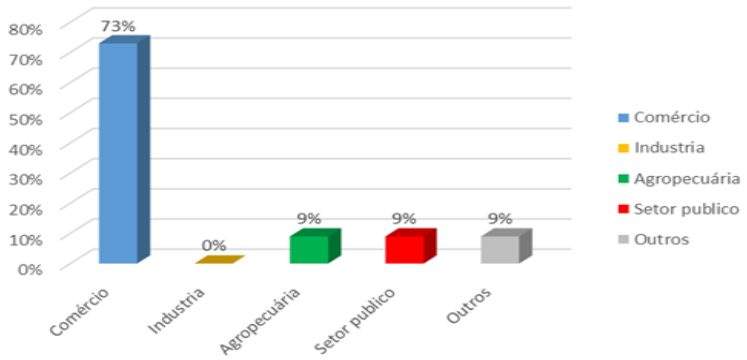

Figura 12 – Engenheiros Civis que trabalham em outras áreas

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Conforme o resultado da figura 12, fica evidente que 73% estão trabalhando no comércio, 0% na indústria, 9% agropecuária, 9% setor público e 9% outras áreas. Conclui-se que dos entrevistados que não estão trabalhando na profissão de engenheiro civil, a maioria está empregada no comércio local e uma pequena parte dividida entre agropecuária, setor públicos e outros.

Pinto e colaboradores (2004) explica a situação desanimadora do mercado de trabalho:

> O mercado de trabalho para o engenheiro civil tem se apresentado como escasso. Realmente não se pode negar que a situação de um modo geral encontra-se crítica porque a recessão e a falta de crescimento econômico tem feito com que as oportunidades de trabalho não aconteçam, principalmente no setor de produção que depende de certa forma de um investimento para se manter. A preocupação dos estudantes de engenharia com esta situação tem sido um fator desanimador fazendo com que eles se desinteressem pelo curso migrando para outras áreas. (PINTO et *al.*,2004,

p.01).

Acontece que o mercado de trabalho para o engenheiro civil depende do melhoramento na crise política e econômica, uma vez que o reaquecimento da economia certamente acarretará um número maior de obras e consequentemente maior demanda pela mão de obra desse profissional.

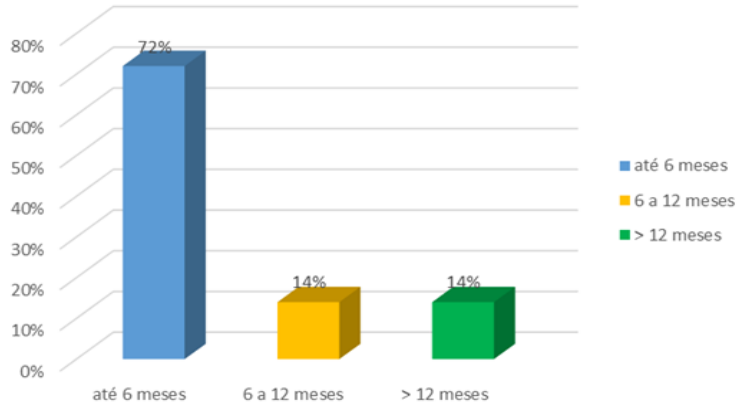

Figura 13 – Tempo Gasto para o Egresso no Mercado de Trabalho

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Conforme o resultado da figura 13, pode se observar que 72% gastaram até 6 meses, 14% de 6 a 12 meses e 14% mais de 12 meses, esse é o tempo que os profissionais entrevistados roeram para se ingressarem no mercado de trabalho.

Pinto e colaboradores (2004) explica a preocupação do recém-formado diante ao mercado de trabalho:

> De fato, a principal preocupação dos estudantes de engenharia e dos recém-formados é referente a conquista do primeiro emprego. Durante a graduação tem-se uma insegurança em relação a possível oportunidade de trabalho. Muitos profissionais recém-formados se sentem perdidos por não conseguirem se empregar imediatamente, em função disto se sentem desestimulados e acabam muitas vezes tomando outros rumos para conseguir se manter. (PINTO et *al.*,2004, p.05).

Os recém-formados idealizam a primeira oportunidade num mercado de trabalho. Mas o que encontram é um mercado cada vez mais competitivo e exigente. É necessário que o engenheiro civil busque se qualificar e se preparar para se adequar as exigências cada vez maiores desse mercado.

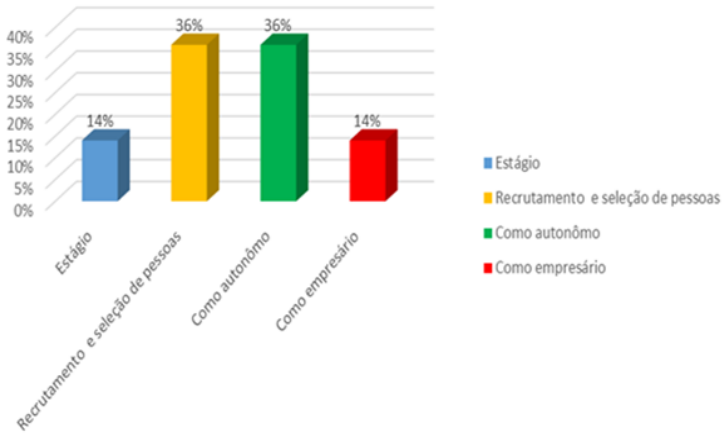

Figura 14 – Forma que os Engenheiros Civis entraram no Mercado de Trabalho

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Conforme o resultado da figura 14, é notório que o ingresso de 14% dos entrevistados foi através de estágio, 36% por recrutamento e seleção de pessoas, 36% autônomo, 14% como empresário. Observa-se que pela baixa demanda de emprego muitos destes profissionais, fizeram a sua própria oportunidade acontecer, entrando no mercado de trabalho como autônomo e empresário.

De acordo com Menezes e Cruz (2005) o autônomo é aquele profissional que não tem vínculo empregatício, portanto, trabalha com mais liberdade podendo definir onde, como e quando trabalhar, tendo autonomia de definir o preço de seu serviço.

Segundo o Confea (2008) explica a forma mais comum de um recém-formado em engenharia civil inserir no mercado de trabalho:

> O caminho mais comum para entrada dos engenheiros na empresa é pela participação em programas de estágio (junto com o estudo) ou após um período como trainee. A necessidade de estágios é apontada como crucial por boa parte dos entrevistados como forma de superar a barreira da falta da prática no ensino de engenharia. A empresa é vista como participante do processo de formação real do engenheiro para as necessidades do mercado. Quando se fala nas correções ou ajustes que a educação de engenharia deveria sofrer, a questão da prática aparece sempre com destaque. (CONFEA,2008, p.10).

Diversas empresas apostam em vagas de estágios para treinarem futuros funcionários, por ser vantajoso para empresa devido a mão de obra barata. Portanto, o egresso tem que estar disposto a se submeter as vagas de

estágios, como forma de se inserir no mundo do trabalho da Engenharia Civil.

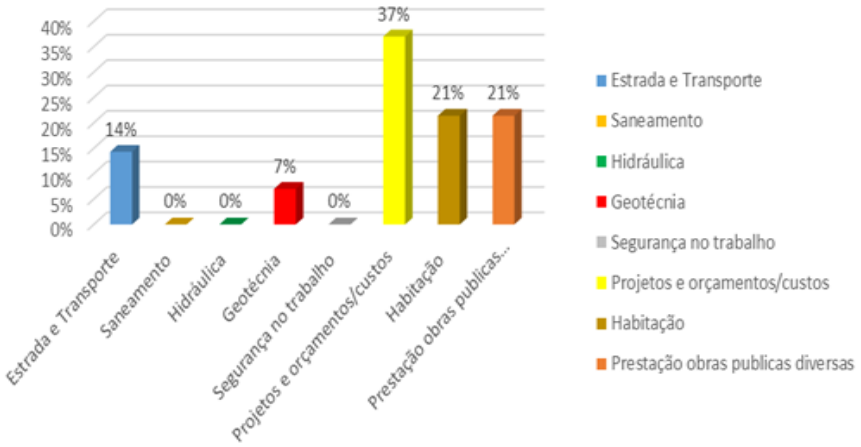

Figura 15 – Áreas da Engenharia civil que estes profissionais estão atuando

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Conforme o resultado da figura 15, as áreas da engenharia civil que estes profissionais estão atuando, mostra que 14% estrada e transporte, 0% saneamento, 0% hidráulica, 7% geotécnica, 0% segurança no trabalho, 37% projetos e orçamentos/custos, 21% habitação e 21% prestação obras públicas.

Segundo Bazzo (2006) explica variadas áreas de atuação da engenharia civil:

> A engenharia civil tem um amplo espectro de atuação. O profissional desta área pode estudar, projetar, fiscalizar ou supervisionar trabalhos relacionados a pontes, túneis, barragens, estradas, vias férreas, portos, canais rios, diques, drenagem, irrigação, aeroportos, sistemas de transportes, abastecimento de água e saneamento e etc. (BAZZO,2006, p.234).

Por se tratar de uma carreira com ampla possibilidade de atuação, esse profissional necessita sempre investir na sua formação continuada.

5. Considerações Finais

Com a análise dos resultados pode se concluir que o mercado de trabalho da Engenharia Civil está cada vez mais competitivo, devido ao aumento de profissionais sem, no entanto, ocorrer o crescimento da oferta de vagas de emprego. E até mesmo devido à crise e econômica que o Brasil vem passado, fato que incorreu em redução dos postos de serviços,

concorrendo-se assim para que as oportunidades se tornem cada vez mais disputadas entre os egressos do curso.

Devido a essa competitividade as empresas estão se tornando mais exigentes na busca de profissionais capacitados, sendo necessário que os profissionais dessa área busquem formação contínua e qualificação profissional, assim como o domínio de outras línguas para se diferenciarem no competitivo mercado de trabalho.

Identificamos que a maioria dos profissionais entrevistados é do sexo masculino, condizendo com a realidade geral do Brasil no que tange à construção civil. No entanto os dados colhidos em campo sinalizam para uma forte presença feminina na Engenharia Civil da faculdade universo da pesquisa. Consideramos esse um fator muito positivo, uma vez que a presença de mulheres contribui para o combater ao machismo nessa área de atuação.

Pode-se notar que os profissionais entrevistados são jovens, considerados ainda profissionais em início de carreira. Desses jovens profissionais, a minoria iniciou a especialização, o principal motivo da não continuidade dos estudos elencada pelos pesquisados é a falta de recursos, em contraponto esses profissionais buscam cursos que exigem menor investimento financeiro. Interessante notar que mesmo com recursos escassos, os profissionais de engenharia continuam buscando seu diferencial no mercado de trabalho, a maioria alega os altos custos ou a falta de tempo como motivo de não cursarem a pós-graduação.

Outro fator que explica a não inserção desse profissional ao mercado de trabalho é que uma pequena parcela dos entrevistados ter domínio em outro idioma, sendo esse um pré-requisito de muitas empresas na área de construção civil.

De todos entrevistados a maioria está trabalhando como engenheiro civil, um indicador favorável, mesmo com as dificuldades atuais, momento de grande desemprego no Brasil, percebe-se que uma grande quantidade engenheiros exercendo a profissão como autônomo ou empresário, soluções encontradas por eles para suprir a situação atual da construção civil.

Referências

BATISTA, Anderson Hernandes. **O Perfil do Profissional de Sucesso do Mundo Moderno**, 2004. Disponível em < http://www.andersonhernandes.com.br/wp-

content/uploads/2011/12/perfil.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2017.

BAZZO, Walter, Antônio; PEREIRA, Luiz, Teixeira do Vale. **Introdução à Engenharia:** Conceitos, Ferramentas e Comportamentos. Florianópolis: Editora: UFSC, 2006.

BEGNAMI, Marcella Zorzenon; ALMEIDA, Vanessa Borges de O **Mercado de Trabalho e o Profissional Secretário: Uma Visão da Influência do Inglês Global**, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico**. Introdução. Brasília, 2000.

CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos Humanos**. São Paulo: Editora: COMPACTADA, 2002.

CONFEA, Conselho Federal de Engenharia e Agronomia, **Mercado de Trabalho para o Engenheiro e Tecnólogo no Brasil,** 2008.

DUTRA, Joel, Souza. **Gestão de Pessoas:** Modelo, Tendências e Perspectivas. São Paulo: Editora: ATLAS, 2011.

FIEMG, Cic. **Construção Civil em 2016: Desempenho e perspectivas**. Minascon, 2016.

FNE. Federação Nacional dos Engenheiro. **Perfil Ocupacional dos Profissionais da Engenharia no Brasil**. São Paulo, 2015.

JESUS, Luiz Carlos Batista de. **O** Profissional da Informação e a Barreira Linguística. REBECIN, v.2, n.1, p.72-83, jan./jun. 2015. Disponível em:< http://www.abecin.org.br/revista/index.php/rebecin>. ISSN: 2358-3193

LINS, Leonardo de Melo**. Formação e Mercado de Trabalho em Engenharia no Brasil:** Tendência e perspectivas da Engenharia no Brasil, 2015.

MORENO, Ana Carolina. **Porcentagem de mulheres nas faculdades de engenharia civil cresce mais que nº de engenheiras no mercado.** Disponível em < https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/porcentagem-de-mulheres-nas-faculdades-de-engenharia-civil-cresce-mais-que-n-de-engenheiras-no-mercado.ghtml. Acesso em 05 de maio de 2018.

NOSE, Michelle Mike, REBELATO, Daisy Aparecida do Nascimento. **O Perfil do Engenheiro Segundo as Empresas**, 2001.

PAULA, Ângela Santos de. **Receptividade de estudantes estrangeiros: um estudo de caso na Universidade Federal de Viçosa**, 2011.

PINTO, Leandro Conceição; MACHADO, Daniel de Souza; VENTIM, Pablo Matheus Pinto; SANTANA, Marcos Jorge de Almeida. **Perspectivas do Profissional de Engenharia Civil: Tendências do Mercado de Trabalho**, 2004. Disponível em < http://www4.pucsp.br/eitt/downloads/v_ciclo_debate/V%20Ciclo2007_WilsonMenezesTrabAutonomo.pdf> Acesso em 05 de novembro de 2017.

ROHAN. Ubiratan, SOARES. Carlos Alberto Pereira, FRANÇA. Sergio Luiz Braga, MEIRIÑO. Marcelo Jasmim, **A Formação do Engenheiro civil inovador Brasileiro Frente aos Desafios da Tecnologia, do Mercado, da Inovação e da Sustentabilidade**. 2016. Disponível em < http://www.inovarse.org/sites/default/files/T16_389.pdf> acesso em 20 de novembro de 2017.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Cenários e Projeções Estratégias**, 2016. Disponível em < http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/saiba-quais-sao-os-cenarios-para-o-futuro-da-construcao-civil-ate-2018,ba2c54843636b510VgnVCM1000004c00210aRCRD> Acesso em 20 de outubro de 2017.